

# A GAROTA CERTA

ALI CRONIN

Tradução  
RITA SUSSEKIND

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © Penguin Books Ltd, 2013  
Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em inglês na Grã-Bretanha  
por Penguin Books Ltd.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL *She's the One*

CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral

PREPARAÇÃO Alyne Azuma

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Mariana Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Cronin, Ali

A garota certa / Ali Cronin ; tradução Rita Sussekind. —

1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2014.

Título original: *She's the One*.

ISBN 978-85-65765-33-6

1. Literatura juvenil I. Título.

---

14-01211

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@sequinte.com.br](mailto:contato@sequinte.com.br)



“CARLY RAE JEPSEN!”, Cass gritou, levantando em um pulo e agarrando minha mão. “Vamos!”

“Argh, música de menina”, resmunguei, mas deixei que me puxasse. Minhas outras amigas, Sarah, Ashley e Donna, já estavam na pista. Cass tinha sentado durante a última, pois passara uma hora dançando sem parar e precisava se hidratar, enquanto Rich, Jack e eu tomávamos *shots*. Mas não muitos. Eu estava só alegrinho.

Fomos até as meninas na pista.

“*HEY, I JUST MET YOU!*”, Sarah cantava, com os olhos brilhantes. Donna e Ashley estavam fazendo uma espécie de coreografia espontânea, que, pelo que deu para perceber, envolvia a encenação da letra. Na palavra *I* elas apontavam para si mesmas e coisas assim. Sei lá. Não consegui acompanhar. Mas não me incomodava em dançar. Preferia Nick Cave/ Arctic Monkeys/ Laura Marling, mas não sou um idiota ob-

cecado por música. O que vinha a calhar numa boate como a Courtney's. O lugar era totalmente voltado para dançar ao som de hits pop da moda. Uma boa pedida para o sábado do feriado de Páscoa: a última extravagância com a turma antes das provas. Não que fôssemos uma turma de fato. Quer dizer, não tínhamos território, rituais de iniciação nem nada. Éramos só um bando de formandos de Brighton, amigos havia séculos.

Um cara de jeans *skinny* começou a dançar na frente de Sarah. Ela e Cass fizeram um AIMEUDEUS silencioso uma para a outra — um bom sinal, aparentemente, a julgar pela maneira como Sarah sorriu e imitou os movimentos do garoto. Olhei em volta, ou pelo menos tentei. Estava lotado. Muitas meninas em grupo, com sapatos de garotas que andam em grupo. Coisas brilhantes com saltos enormes e peças grossas sob as solas. Plataformas? Sei lá. Uma loira chamou minha atenção. Tinha cabelos longos e cacheados, usava short e uma blusa folgada. Ao longo de várias noites de sábado aprendi que as meninas de Brighton gostam muito de shorts, e shorts não caem tão bem em todo mundo, mas essa menina tinha pernas muito bonitas. Era bem bonita, na verdade. Sorri para ela, ela virou para as amigas, disse alguma coisa, e todas fingiram não olhar na minha direção. Mas não pareciam repelidas por mim. Ash gritou alguma coisa no meu ouvido.

“O QUÊ?”, gritei.

“EU DISSE ‘ESTÁ NO PAPO!’”, ela berrou.

Sorri e dei de ombros: *talvez*.

“VAI LOGO”, ela prosseguiu, colocando as mãos nos meus

ombros para me virar na direção do grupo. “VOCÊ SABE QUE QUER.”

Deixei ela me empurrar e fiz uma cena, tropeçando para a frente, como se o empurrão tivesse sido bem mais forte do que de fato foi. A menina viu e riu.

“DESCULPE PELA MINHA AMIGA”, gritei, apontando na direção de Ashley. “ELA ESTÁ TENTANDO ME JOGAR PARA CIMA DE VOCÊ.”

“TUDO BEM”, ela respondeu. “ELA CLARAMENTE TEM BOM GOSTO.” Ela sorriu e lançou um olhar rápido para mim.

“MEU NOME É OLLIE”, falei, estendendo a mão.

“DAISY.” Ela tinha um aperto de mão meio frouxo, mas, ei, ninguém é perfeito. A música mudou, ela bateu palmas e deu pulinhos. “Ah, adoro essa!”, ela gritou e começou a dançar na minha frente.

Na verdade eu odiava aquela música, mas não era como se precisássemos ter alguma coisa em comum. Pus os braços em volta dela, com as mãos em suas costas, aproximando o rosto enquanto ela dançava. Quando a música acabou ela também já tinha se inclinado para perto, e estávamos nos beijando. Legal. Depois de um tempo fomos até o bar pegar mais bebidas. Ela gritou no meu ouvido:

“Adoro o nome Ollie.”

Bom. Ótimo.

“Obrigado!”, gritei de volta. Em seguida: “Você é muito bonita”.

Ela sorriu, fazendo bastante contato visual, depois gritou:

“Você também não é nada mal!”

Meu coração começou a bater um pouco mais rápido. Ash tinha razão: estava mesmo no papo.

“Eu ia perguntar ‘você vem sempre aqui?’”, falei, sorrindo. “Então considere-se uma garota de sorte!”

Ela franziu o rosto. A música era ensurdecadora.

“QUÊ?”

Balancei a cabeça.

“Deixa pra lá...” Será que eu já deveria testar se ela queria algo mais? Não tinha nada a perder, concluí. “Na verdade, que tal irmos para um lugar mais calmo?”

Ela me lançou um olhar semicerrado que dizia *sei qual é a sua*. Apenas sorri.

“Pode ser”, ela respondeu devagar, querendo dizer que seria nos termos dela, e não nos meus. Por mim, tudo bem.

Lá fora, ela se apoiou contra a parede e fechou os olhos por um instante.

“Você está bem?”, perguntei. Garotas bêbadas também estavam vetadas. Transar com alguém incapaz de tomar decisões racionais? Não é legal.

“Estou um pouco alta.” Ela olhou para mim e sorriu. “Mas de um jeito bom.”

Devolvi o sorriso e me aproximei. Começamos a nos beijar outra vez, agora com mais intensidade. Ela me puxou mais para perto, meu corpo pressionando o dela contra a parede. Ao que parecia, o sexo agora era uma possibilidade, mas quase dei um pulo quando senti a mão dela no meu pau (que, por sua vez, pulou de fato — eu sei, é estranho como os paus fazem isso). Acho que nunca fiz pouco-caso de sexo; sempre

me sinto um pouco surpreso — e muito sortudo — quando uma garota *de fato* quer transar comigo.

Parei de beijá-la um segundo para murmurar:

“Bem direta! Gosto disso.” Pensando bem, não foi muito charmoso, mas ela não pareceu se importar. Ela fazia aquela coisa de menina, de sorrir enquanto olha para a sua boca. Sexy. “Quero muito transar com você”, murmurei de novo. Na minha opinião, qualquer coisa dita baixinho soa erótico.

“Ah, é?”, ela perguntou, com a cabeça inclinada. Em seguida ergueu uma sobrancelha. “Então é melhor vir para a minha casa.”

Gol!

“Bacana o lugar”, falei de maneira pouco convincente, dando uma olhada na casa. Na verdade não era muito bacana. As paredes descascavam e tinha cheiro de mofo. Olhei para a sala — havia canecas sujas e revistas espalhadas.

“É da minha irmã”, Daisy falou. “Tenho quase certeza de que ela foi para Londres com a colega de apartamento.” Ela foi até o pé da escada e olhou para cima. “HOLLY? EMMA?” Ninguém respondeu. “Legal.” Ela abriu um sorriso provocante. “Quer um chá?”

“Não, obrigado”, respondi, com um sorriso. Puxei Daisy para perto e a beijei de novo até ela interromper para me levar para cima, para o que concluí ser um quarto extra. A cama estava cercada de caixas, e havia uma espécie de varal cheio

de calcinhas e camisetas na frente da janela. Meu coração disparou outra vez, e meu pau estava bem duro; acho que meu corpo sabia que ia rolar de fato.

Ela era do tipo que apagava a luz e se despia embaixo das cobertas, mas o sexo foi muito bom. Apesar de estar escuro, deu para perceber que ela tinha depilado tudo, o que eu nunca tinha visto fora de filme pornô. Era um pouco estranho. Ela ficou por cima um pouco e soltou gemidos sensuais ao gozar — isso foi legal. Eu gostava de ver as meninas chegando ao orgasmo. É bem impressionante saber que você fez alguém ter aquela reação física. Ela demorou um pouquinho para chegar lá, mas tudo bem; eu não tinha pressa, e aprendera muitos truques infalíveis com Katy. Também havia aprendido que às vezes não rolava de jeito nenhum — o que também não era um problema. Com as meninas não era uma coisa certa, como com os garotos — mas mesmo assim eu não desistia antes de tentar ao máximo.

Quando acordei, estava clareando. Daisy estava dormindo, roncando de leve. Seus cabelos cacheados se espalhavam sobre o travesseiro, e ela tinha manchas de rímel nas bochechas. Era realmente bonita. Comecei a ficar excitado e quase cogitei acordá-la para transar de novo, mas outra regra que eu seguia era *uma vez é o bastante*. Eu só transava mais de uma vez se realmente gostasse da garota e quisesse que ela gostasse de mim. Nunca tivera um relacionamento sério, mas vários curtos e casuais. Ela se espreguiçou e suspirou no sono, fazendo



um mamilo rosa aparecer. Quis me aproximar e tocá-lo. A regra do *uma vez é o bastante* às vezes era difícil de seguir.

Levantando apenas o suficiente para não puxar o edredom e acordá-la, olhei em volta. O quarto era sombrio e deprimente pela manhã. Basicamente um armário de depósito. Chequei meu celular embaixo da coberta para não acordá-la com a luz. Era pouco depois das seis. Céus, minha cabeça estava latejando. Eu devia ter bebido mais do que imaginava. Saí da cama e me vesti, depois peguei o celular de Daisy de cima de uma caixa. Estava olhando os contatos dela, para ver se tinha dado meu número no dia anterior e então deletá-lo (era melhor para nós dois), quando ela se mexeu.

“O que você tá fazendo?”

“Nada”, sussurrei, deixando o celular no lugar. “Obrigado por ontem.”

“Eu que agradeço.” Ela virou e se encolheu sob a coberta. “Tudo bem se eu não levar você até a porta?”, murmurou e imediatamente começou a roncar outra vez. Exatamente meu tipo de sexo casual.

Minha casa estava silenciosa quando cheguei. Eu não tinha horário para voltar, mas para minha mãe não se preocupar, dizia que ia dormir na casa de Rich ou Jack quando havia chance de passar a noite com alguma garota. Ela fingia acreditar, eu fingia acreditar que ela acreditava etc. Funcionava bem. Grato pelo silêncio — a rotina da minha mãe de acordar em horário normal se mantinha —, coloquei o despertador para as dez e cobri a cabeça com a coberta.



“Ollie, meu amor...” Minha mãe sacudiu gentilmente meus ombros.

“O que foi?”, respondi, lutando para sentar, ainda sonolento.

“Shhh, querido, não é nada. Seu despertador está tocando a cada nove minutos há meia hora, então trouxe um chá.”

“Ah, obrigado.” Esfreguei os olhos e olhei para minha mãe. Ela sorriu para mim. Um sorriso bom, que não tinha nada por trás, apenas o sorriso. Um sorriso de *chá para o filho*. “Tudo bem?”, perguntei.

“Tudo! Tudo...” Ela afagou meu ombro duas vezes. “Não deixe o chá esfriar.”

“Não vou.”

Ela saiu, e a ouvi oferecendo chá para o meu pai também. Ele resmungou e disse que estava tentando dormir. Uma joia rara, o meu pai, mas pelo menos estava em casa. Minha mãe costumava ficar melhor com ele por perto. Saí da cama me espreguiçando e fui até o banheiro. Nada como um banho para curar a ressaca, e quase sempre invento boas letras de música com a cabeça embaixo d’água. Fiz a barba enquanto a banheira enchia, para não ter que fazer antes da aula no dia seguinte. Eu havia tido duas semanas de folga na Páscoa — estava com a aparência um pouco desleixada. Meu pai bateu na porta.

“Vá no de baixo, pai”, falei. “Estou no banho.”

“Não está, não. Estou ouvindo a água correndo. Vamos, estou apertado.”

Que saco.

“Vai rápido, então”, respondi, abrindo a porta. Ainda estava cheio de creme de barbear em metade do rosto.

“Muito bem, filho”, ele falou, afagando a parte limpa do meu rosto. “É preciso manter a boa aparência.”

Não respondi, só fiquei parado perto da porta que continuava aberta e tentei ignorar o barulho do xixi ostentoso do meu pai. Ele tinha quase cinquenta anos e cabelos desgrehados, nunca fazia a barba, só aparava a parte grisalha. Mas o babaca era bonito, e sabia disso. Groupies ainda se jogavam em cima dele. Não sei se ele aceitava as ofertas, mas não me surpreenderia. Já tinha traído minha mãe pelo menos duas vezes. E, ah, será que já tinha me contado de quando viu [inserir nome de astro do rock famoso] cheirando cocaína dos peitos da [inserir nome de estrela do rock famosa]? Sim, pai, umas mil vezes.

“Valeu”, ele falou ao passar por mim, ainda ajeitando o short.

Dei descarga para ele e entrei no banho. Afundei na banheira deixando para fora apenas o suficiente para não me afogar e tentei pensar em letras de música. Estava compondo uma letra fazia um tempão, mas não conseguia passar de um verso e um refrão. Continuava não rolando. Tudo o que eu compunha soava banal, não original, ou simplesmente uma bela merda. Talvez eu estivesse próximo demais do tema. Sei lá.

Uma imagem de Daisy invadiu minha mente. Ela era bonita e tudo o mais, e transamos, o que é sempre um bônus,

mas não foi incrível. Talvez eu teria passado uma noite melhor se tivesse ficado na boate com o pessoal. Agora não adiantava nada pensar no assunto, já estava feito. Me inclinei para a lateral da banheira, sequei a mão no tapete e mandei uma mensagem para Sarah. Ela era minha amiga mais antiga, e muito engraçada. Quis compartilhar minha ressaca dominical com ela.

EI, SARITA CABRITA, VEM ME VISITAR OU O Q?

Sarita Cabrita era por causa do personagem de um livro infantil. Meu preferido quando criança. Na verdade acho que foi meu pai que a chamou assim pela primeira vez, anos antes, quando ela foi lancha na minha casa um dia depois da aula, ainda no ensino fundamental. Não me lembro de ele já ter lido o livro para mim, mas acho que deve ter acontecido. Enfim, ela respondeu a mensagem dizendo:

Cara, desnecessário gritar! Vou sim, mas só se você fizer carne assada com legumes pra mim.  
:)

Respondi que faria, e ela mandou uma resposta cética, mas prometendo aparecer em algumas horas, então me afundei novamente na água para descobrir se mais dez minutos curariam minha ressaca.

Meia hora mais tarde eu estava bem acordado, vestido, mas minha cabeça continuava parecendo um saco de cimento — mas tudo bem, dois objetivos de três não era tão ruim. No andar de baixo minha mãe estava sentada à mesa da cozinha, olhando para o laptop. Ela estava planejando uma grande noite de comédia para arrecadar fundos para a instituição de caridade em que trabalhava, dedicada a pessoas com problemas mentais. Já tinha fechado com quase todos os artistas, mas estava desesperada por um grande nome. Aparentemente, Russell Kane e Jo Brand talvez topassem. Ela acabaria conseguindo quem quisesse, sem dúvida. Quando minha mãe estava bem, mergulhava de cabeça em uma missão melhor do que qualquer um. Trabalhar no fim de semana era normal quando ela estava no meio de alguma coisa — apesar de, no momento, ela não estar digitando, e sim olhando para o nada. Fiquei preocupado, mas ignorei. Todo mundo olha para o nada.

Abri a geladeira. Tínhamos cenouras, batatas...

“Mãe, tem carne?” Não obtive resposta. “Mãe!”

Os olhos dela focaram em mim.

“O que foi, querido?”

“Tem carne?”

“Carne? Que tipo de carne?”

“Tipo frango, porco ou alguma outra coisa para assar.”

Ela piscou devagar.

“Tem carne de porco no freezer. Por quê?”

Debrucei na bancada.

“Sarah está vindo para cá. Eu disse que faria carne assada.”

“Ah, ótimo.” Minha mãe franziu o rosto. “Mas não vai descongelar a tempo.” Ela levantou. “Levo você ao mercado.”

“Não, mãe, não precisa”, respondi. “Vou fazer...”, olhei para a geladeira outra vez. Fatias de presunto, um pote aberto de salada de repolho, uma cebola, um pimentão, uma berinjela... “Vou fazer uma lasanha vegetariana. Pelo menos é assada, né?”

Minha mãe pareceu preocupada.

“Acho que sim, querido.”

De repente fiquei desesperado para fazer minha mãe sorrir. Peguei o leite.

“Vou até fazer molho bechamel de verdade. Sarah adora bechamel.” Dei um sorriso bobo, e ela até sorriu, mais ou menos.

“Bem pensado, Ols.”

Coloquei duas fatias de pão na torradeira.

“Tudo bem, mãe?”

“Sim, tudo”, ela respondeu, seca.

Merda. Isso queria dizer que *não* estava bem. Acenei com a cabeça para o laptop.

“Trabalhando na noite de comédia?”

“Tentando.” Ela pressionou os dedos nas têmporas. “Não se preocupe, não acho que estou piorando. Só estou cansada. Nada grave. Não dormi muito bem ontem à noite.”

“Posso ajudar com alguma coisa?” Passei geleia na torrada e comi metade em uma mordida.

“Não, não.” Ela se levantou. “Talvez eu volte para a cama para tirar um cochilo.”

“Boa ideia.” Esfreguei as mãos para me livrar do resto de geleia e comecei a juntar as coisas para a lasanha. “Cadê o papai?”

“No estúdio.” Ela fechou o laptop e tirou o cabo da tomada. Depois indicou o computador com a cabeça. “Talvez eu acorde inspirada.”

“Durma bem.” Fiquei olhando enquanto ela saía da cozinha. Na verdade, não parecia mal. Quando estava realmente mal, em vez de andar, ela se arrastava, como se os pés fossem feitos de chumbo.

Ligeiramente mais calmo, pus a mão na massa. Gosto de cozinhar. Pouca gente sabe disso. E sou bom. Na verdade, às vezes pensava que cozinhar era um pouco como compor música, no sentido de que você pode reunir diferentes ingredientes e criar um todo harmonioso. Brincadeira! Apenas um completo babaca pensaria algo tão pretensioso assim \*cof\*. Na verdade, era a primeira vez que eu cozinhava para alguém que não a minha mãe e o meu pai, se ele estivesse em casa. Até pouco tempo antes eu só fazia algumas coisas no forno — gostava de assar pão; sovar a massa era relativamente terapêutico — mas nada além disso. Desde que minha mãe tinha melhorado, comecei a me empenhar mais. Enfim. Cortei os legumes, coloquei em uma assadeira, cobri com azeite e pus no forno, depois cozinhei a farinha na manteiga, acrescentando o leite devagar, mexendo loucamente para não empelotar. Jamie Oliver e eu? Poderíamos ser irmãos. Ou ele poderia ser meu padrasto. Ou alguma coisa assim. Eu estava me sentindo bem, me aventurando na cozinha, preparando comida para

mim e minha amiga Sarah, minha mãe dormindo em segurança lá em cima e meu pai enfiado no “estúdio” (também conhecido como a garagem com um amplificador). Dava para imaginar domingos piores.

Enquanto a lasanha assava, limpei rapidamente a cozinha, fui ver minha mãe, e resolvi jogar meia horinha de Xbox. No final das contas foram só uns vinte minutos, porque a Sarah chegou cedo. Ela bateu na janela da sala no momento exato em que enfiei a mão na calça. Era só uma ajeitada rápida, mas não a impediu de apontar pra mim e fingir soltar um grito, como se tivesse me flagrado batendo uma pro *Call of Duty*.

“ECA!”, ela disse sem som pelo vidro, então fiz a única coisa que um homem sensato poderia fazer naquela situação. Agarrei o saco e fiz cara de OBA! Ela riu. Razão número um pela qual Sarah Millar é ótima. Pulei para abrir a porta.

“Melhorou?”, ela perguntou depois de me abraçar.

Respondi por cima do ombro enquanto a levava até a sala.

“Nada alivia mais do que bater uma para jogos de videogame de extrema violência.”

Ela estalou a língua.

“Eu que o diga.” (Razão número dois.)

Pulei no sofá e peguei o controle.

“Me dá só um minuto para passar de fase.”

“Aham, sei...” Ela sentou na beira da mesa de centro, ainda de casaco, e, em dez segundos, morri numa chuva de tiros.

“A culpa é sua”, falei. “Vamos comer.” Peguei o casaco dela, joguei no corrimão e a levei para a cozinha.



“Vai me dizer que foi você que fez isso?”, ela falou.  
“Humm, está com um cheiro ótimo.”

“Fui eu, sim”, respondi. “Apesar de não ser carne assada...  
NÃO ABRA!”

A mão dela pairou sobre a porta do forno.

“Tuuuudo bem. Por que não?”

“Porque quero que fique com a crosta perfeitamente tostada”, expliquei afetadamente.

Ela me lançou um olhar desconfiado.

“*Crosta perfeitamente tostada?* O que vamos comer? Carvão?”

“Não, engraçadinha. Lasanha vegetariana gratinada.”

Ela ergueu as sobrancelhas.

“Um pouco estranho.”

“Com bechamel de verdade.”

“Está perdoado.” Sarah sorriu, esfregando as mãos. “Posso fazer alguma coisa para ajudar?”

Indiquei a mesa com a cabeça.

“Pode sentar e me entreter.”

“Tudo bem.” Ela sentou e começou a folhear um dos catálogos da minha mãe enquanto eu enchia a lava-louça. Ficamos quietos por um tempo; o único som era a péssima programação dominical do rádio, e então tive a sensação de estar sendo observado. Virei aos poucos. Ela estava apoiando o queixo na mão, me olhando e sorrindo de um jeito um pouco estranho.

“O que foi?”, perguntei.

“Nada. Só você, sendo todo sensível.” Deu aquele sorriso com o canto da boca outra vez.

“Sem querer ofender, mas com esse sorriso parece que você teve um derrame.”

Ela fez cara de triste e baixou os olhos para o catálogo, então fui até lá e fiz carinho no cabelo dela.

“Ah, não fique assim, Sarita. Continua uma graça.”

Ela desviou.

“Sua mão está toda acebolada.”

“Acho que você vai descobrir que, assim como uma cebola, eu sou um homem de muitas camadas. A sensibilidade é apenas uma delas.”

“Cheiro de cebola é outra.”

“Isso é verdade.” Voltei ao preparo do almoço, e Sarah voltou à análise do catálogo. De vez em quando ela me mostrava alguma coisa de que gostava, e eu fazia *hum* ou dizia *é, é legal*, ou ela me mostrava alguma coisa que tinha odiado, e eu fazia careta e dizia *credo, é mesmo*. Normalmente eu não tinha opinião nem para o bem nem para o mal. Mas não me importava. Gostava de tê-la por perto. Conforme já estabelecemos, ela era ótima. E nos conhecíamos havia séculos, o que sempre ajudava.

“Ah, oi, Sarah.” Minha mãe entrou de chinelo, o rosto marcado pelo sono, bem na hora em que eu estava servindo a lasanha.

“Oi, Kelly”, Sarah respondeu, sorrindo, mas em seguida franziu o rosto. “Não está passando mal, está?” Ela virou para mim. “Ollie, você devia ter avisado.”

“Não, estou bem. Só tive uma noite ruim”, minha mãe

disse, com um gesto para afastar a preocupação. “O cheiro está *divino*, Ols”, acrescentou, enfatizando a palavra ‘divino’ para soar chique.

“Bem, fiz o suficiente para todos nós”, declarei. “Mas Sarah e eu íamos comer na sala.”

Minha mãe deu de ombros, sem se incomodar.

“Podem comer aqui se quiserem. Vou levar o meu prato e o do papai para o estúdio.”

“Ceerto”, respondi. “Boa sorte com isso.”

“Não seja tão abusado”, minha mãe disse, passando a mão na minha cabeça. “Ele vai adorar uma folga.”

Eu ri. Ao que parecia, uma soneca era tudo de que ela precisava. Eu adorava quando minha mãe ficava assim, feliz e um pouquinho brincalhona. Entreguei a ela dois pratos cheios de lasanha. Ela e Sarah trocaram um olhar e riram.

Franzi o rosto.

“O que foi agora?”

Sarah inspecionou o prato com atenção.

“Cadê os vegetais, Ols?”

“Como assim?” Apontei. “Tem legumes.”

“No meio de um monte de manteiga e queijo”, minha mãe disse.

“E daí?”, respondi, começando a ficar irritado de verdade. Quero dizer, de nada por esse almoço incrível que passei a manhã inteira fazendo.

“Não faria mal ter uma saladinha”, Sarah comentou, sorrindo para minha mãe outra vez.

Era só o que me faltava.

“Certo, chega desse complô feminino”, declarei, virando minha mãe para a porta. “Pode ir.”

Ela riu e falou por cima do ombro:

“Tudo bem. Só não venha me culpar se eu ficar com raquitismo.”

Sarah riu um pouco demais da piada. Virei para ela, com os braços cruzados.

“Puxando o saco da minha mãe, é?”

“Não”, ela respondeu, mas corou um pouco. “Gosto dela. Ela é legal.”

“*Gosto dela. Ela é legal*”, debochei enquanto colocava os pratos e talheres na mesa. “Vocês estão muito amiguinhas pro meu gosto...” Parei. “Melhor nem pensar nisso.”

Mas Sarah já estava lambendo os lábios.

“Ui, é. A Kelly é uma mãe que eu super pegaria.”

Balancei a cabeça pesarosamente.

“Você é doente, Sarah Millar.”

Ela assentiu.

“Sim, sim, sou mesmo. Doente de amor PELA SUA MÃE.”

“Engraçadinha. Sua mãe disse o mesmo a meu respeito quando estávamos na cama ontem à noite”, falei. *Um a zero pro Ollie*, pensei. Mas não, Sarah apenas gargalhou. A imagem da mãe dela comigo era um tanto risível. A mãe de Sarah era bonita, de um jeito mãe de ser. Mas também era assustadora.

“Aliás, *com quem* você desapareceu ontem à noite?”, Sarah perguntou, com a boca cheia de lasanha.

“Não precisa esperar por mim”, falei. Eu ainda nem tinha sentado. “Pode comer.”

“Ótimo”, Sarah disse, amistosa. “Então... ontem à noite?”

“Ah, sim”, eu disse, colocando duas taças e uma garrafa de vinho na mesa e finalmente me juntando a ela. “Uma menina chamada Daisy.”

“Legal?”

“Ela era gente boa.”

“Mas abrius as pernas, então quem se importa, certo?” Ela me lançou um de seus incríveis sorrisos escancarados.

Dei de ombros.

“Poucas conseguem resistir à sedução do Olster aqui.”

“O pior é que é verdade”, Sarah comentou, suspirando. “O que minhas companheiras de gênero veem em você?”

“Beleza, talento na cama, grande senso de humor, um pinto enorme?”, sugeri.

Sarah quase ficou vermelha.

“Eca, Ols. Não precisava dessa informação.”

Ri.

“Foi você que perguntou... Então, a noite foi boa?”

Ela assentiu.

“Foi, muito boa. Dancei pra caramba. Cass parecia um ímã para os caras. Você sabe como ela anda desde que terminou com Adam.” (Adam era o ex babaca de Cass, que ela finalmente tinha dispensado havia dois meses.)

“Ela pegou alguém?”, perguntei.

Sarah sacudiu a cabeça.

“Não. Tinha um cara bem gato, mas aparentemente tinha bafo de amendoim seco.”

“Que nojo.”

“Foi exatamente o que eu disse. Enfim, estávamos ocupadas demais rindo. Tocaram Shania Twain e tudo o mais, então Cass estava no céu.”

“Merda. Não acredito que perdi isso.”

“Sei como você adora Shania.”

Balancei a cabeça.

“Linda, detesto Shania com todas as células do meu ser. Shania é uma abominação. Shania...”, parei. Sarah estava gargalhando, os olhos cheios de lágrimas por causa do esforço de não engasgar com a comida. “Ah, não enche”, resmunguei.

Ela afagou meu braço.

“Você fica tão bonitinho quando tem ataques de entendimento de música.”

“Mas, Sarah, Shania é simplesmente... um erro.” (Minha opinião nesse assunto é muito passional. Talvez você tenha notado.) ““Man, I Feel Like a Woman”? Quer dizer, como assim?! Todo esse clima açucarado de união feminina me dá vontade de vomitar.”

O garfo de Sarah estava parado no meio do caminho, e ela olhou para o prato.

“Ficou confusa?”, perguntei.

“Na verdade, não”, respondeu. “É que eu acho que posso gostar de Shania sem rejeitar meus princípios feministas, só isso.”

“Linda, eu não estava sendo grosseiro. É só minha opinião... Como você disse: um ataque de entendimento de música.” Arrisquei um sorriso maroto. “É bonitinho, lembra?”

“É, acho que mudei de ideia em relação a isso”, ela disse,

mas estava sorrindo. “Enfim, acho que quem curte Ed Sheeran não está apto a julgar.”

“Ele é bom!”, protestei. “Você deveria ouvir as letras.”

Sarah ergueu as sobrancelhas.

“Aham, ‘bom’.”

Espetei um pedaço de pimentão vermelho e aponte para ela.

“Seja como for, você gosta de Rihanna.”

Ela apenas sorriu.

“Desculpe, Ols, cansei do exibicionismo musical...” Pousando o garfo e a faca no prato vazio, reclinou-se na cadeira e cruzou os braços. “Estava uma delícia. O que temos de sobremesa?”

“Você não deveria estar cuidando do peso?” Uma pergunta claramente idiota. O corpo dela era perfeito. De todo jeito, eu sabia que não ficaria ofendida. Razão número três.

Ela suspirou de maneira dramática.

“Essa é a sua maneira de me informar que não tem nada?”

“Não, não... Temos...” Abri o freezer e puxei a gaveta inferior. “Sorvete!”

Enchi a máquina de lavar louça enquanto ela se servia de duas bolas de chocolate. Depois que acabou, Sarah se levantou, estalando os lábios de satisfação.

“Certo. Vamos nos realocar?”

Com isso, na língua de Sarah ela queria saber se podíamos ir para a sala.

“Vou em um minuto”, falei. “Procure alguma coisa boa na tv.”

“Tudo bem”, respondeu.



Encontrei-a deitada no sofá, assistindo a um filme em preto e branco.

“Chega pra lá”, eu disse, tentando me espremer entre ela e o sofá.

“Argh, Ollie!”, ela resmungou. “Você está me esmagando.”

“Saia do caminho, então”, respondi, dando o que considerei um empurrãozinho leve. Talvez tenha sido um pouco forte, pois ela rolou direto para o chão. Inclinei-me para baixo. Ela estava deitada de costas, rindo muito.

“Ooops. Foi mal”, falei, ou tentei falar. Sarah estava muito engraçada. Ela levantou e começou a me bater, mas estava rindo demais para me machucar, o que foi uma sorte, porque eu também estava rindo demais para me defender. “Eu pedi desculpas!”, gemi, possivelmente de um jeito não muito másculo.

“Acho bom!”, ela respondeu, em seguida parou para recuperar o fôlego, então aproveitei a oportunidade para jogá-la no sofá e fazer cócegas em sua barriga.

“TUDO BEM, TUDO BEM, VOCÊ VENCEU!”, ela gritou. “OLLIE, NÃO! HAHAHA! SAIA DE CIMA DE MIM! AI, NÃO CONSIGO RESPIRAR! HAHAHA!”, ela disse, mais ou menos. Era difícil saber.

“Jura que ganhei?”, perguntei, prendendo os braços de Sarah ao lado de seu corpo.

“Sim! Como quiser!”, ela respondeu, então a soltei. Deitei e, sem pensar, estendi o braço para ela deitar ao meu lado. Ela se aconchegou e deitou a cabeça no meu peito. Nossa ami-



zade sempre foi bem melosa, mas aquela era uma proximidade grande até para os nossos padrões. Foi gostoso. Ficamos deitados em silêncio por alguns instantes, assistindo à tv e recuperando o fôlego.

“Eu só estava brincando sobre você ter vencido, a propósito”, ela declarou depois de um tempo.

“Sim, claro”, respondi. “O que estamos assistindo, aliás?”

“Não sei... Gosto dos sotaques.”

“Eu também. São loucos.” Eram os sotaques ingleses mais chiques que alguém já ouviu.

De repente ela levantou a cabeça, olhou para mim e franziu o rosto.

“O que foi?”, perguntei.

Ela deitou a cabeça no meu peito outra vez.

“Ollie, seu coração está batendo de um jeito muito estranho.”

Ri, constrangido.

“É, querida, é o que você faz comigo.”

“Não, sério. Está descontrolado... Olha.” Ela colocou minha mão sobre meu peito. “Está sentindo?”

“Parece normal”, respondi.

“Sério?” Ela deslizou a mão para baixo da minha e franziu o rosto. “Hum. Estranho... Talvez eu estivesse ouvindo meu próprio coração e misturando com o seu, ou algo assim.”

“Talvez...”, falei, acrescentando um “sua louca”.

“Louco é você”, rebateu, e caímos num silêncio agradável, assistindo ao filme.

“Estou com um pouco de pena do marido”, comentei, de-

pois de um tempo, mas ela não respondeu. “Ei, Sarah.” Olhei para ela, que estava dormindo. “Fracote”, sussurrei e cobri sua mão com a minha. Durante o sono ela entrelaçou os dedos nos meus. Do meu ângulo dava para ver a curva de seus cílios escuros, o contorno de seu rosto, os cabelos brilhantes contra a lã do meu casaco. Ela era linda. Razão número quatro.